de 507-482 ocorrem lutas dos romanos com os povos vizinhos; as sedições da plebe dependiam das condições dessas campanhas militares.

O nome dos Fabii fixa-se nos Fastos em seguida ao oferecimento que os mesmos fizeram ser aceito pelo Senado de se incumbirem sozinhos, eles e seus clientes, da pesada tarefa da *bellum Veins*. O Autor relaciona dois acontecimentos: no interior a eliminação de Spurius Cassius e no exterior a reabertura da frente da guerra etrusca além-Tibre. Apresenta ainda observações sobre as conseqüências indiretas da criação das tribus rústicas em 495 a.C., entre elas o enquadramento dos plebeus como "clientes" dos chefes patrícios.

Considerações sobre problemas econômicos como os *thesauri* metálicos do Capitólio e conflitos sobre o regulamento das multas (*multae*) encerram a obra, a qual é completada por um *Index Nominum et Rerum Notabllium*, por "Vocábulos relativos às mais antigas instituições sociais e religiosas", e por um mapa de Roma e do Latium.

MARIA LUIZA CORASSIN

* *
*

GUTHRIE (W. K. C.). — *Les Sophistes*. Tradução do inglês por J. P. Cottereau. Paris. Payot, 1976, 347 pp.

No início do capítulo XI — *Les Hommes*, onde apresenta um resumo biográfico dos principais componentes humanos da sofística (Protágoras, Górgias, Pródicos, Hípias, Antifon, Trasímaco, Críticas, Antístenes, Alcidamas e Licofron) — o autor nos apresenta o princípio ordenador de sua obra:

> "Au cours des chapitres précédents, de nombreuses positions des Sophistes et de leurs contemporains ont été presentées dans une discussion sur les principaux problèmes d'intérét philosophique du Ve. siècle. La priorité donnée a cette discussion sur la prise en consideration de chaque penseur en particulier...".

Dessa forma, o capítulo II — *Questions d'actualité* — é dedicado aos fatores históricos promotores da sofística: a vitória grega sobre os bárbaros e o progresso técnico-material fizeram com que os atenienses tomassem consciência da sua potencialidade, e, ao realizá-la, imediatamente metamorfosearam-na em imperialismo; por outro lado, a própria evolução da democracia ateniense (a ampliação do quadro de participação política e a remessa da direção política à atuação oratória) instaurou a necessidade prática da pedagogia sofística.

Já o capítulo III. — *Qu'est-ce qu'un sophiste?* — é orientado no sentido de delimitar o objeto mesmo da obra: o que são os sofistas, quais seus métodos pedagógicos, quais os temas principais por eles abordados, e finalmente como os focalizam Platão e Aristóteles.

A partir do capítulo IV — *L'antithèse "Nomos" — "Physis" en morale et en politique* — atingimos o núcleo da obra: após apresentar a antítese em si, Guthrie procura nos capítulos seguintes mostrar como ela orientou e polarizou o desenvolvimento do pensamento grego da 2a. metade do século V e inícios do IV nos seus diversos espaços de realização: o social (capítulo V — *La Convention Sociale*), o político e o antropológico (capítulo VI — *L'egalité*), o ético (capítulo VII — *La relativité des valeurs et ses effets sur l'éthique*), o intelectual (capítulo VIII — *Rhetorique et Philosophie*) e o religioso (capítulo IX — *Les Theories Rationalistes de la Religion*: *L'agnosticisme et l'atheisme*).

A tese central de Guthrie localiza-se, assim, no tratamento da antítese *nomos/physis,* e aqui enfatizaremos a nossa análise.

O tratamento da gênese da antítese parece-nos um tanto quanto difuso, esguio mesmo: o relacionamento histórico entre as teorias físicas evolucionistas e as teorias da origem convencional do nomos é visto como a transferência do relativismo na concepção do cosmos e da corrosão do pensamento religioso para o campo ético; paralelamente, a ambiência intelectual promovida pela colonização (a intensidade diversidade política, étnica, cultural) promoveu a substituição do absolutismo (instaurado sobretudo através do pensamento religioso) pelo relativismo como categoria de compreensão e explicação da realidade. Considerando que para o autor a antítese *nomos/physis* é o núcleo mesmo da sofística, a difusão a que nos referimos acima se pantenteia se nos lembrarmos dos fatores geradores desta última: às páginas 25 e seguintes, após alertar para a insuficiência da colonização como causa promotora da sofística, Guthrie enfatiza as suas relações com a democracia ateniense:

> "Les transformations sociales et politiques jouèrent aussi un rôle; c'est le cas en particulier de la naissance de la dèmocratie à Athènes".

Nesses termos a vinculação — gênese da sofística/democracia — é mais explícita na análise de W. Jaeger (1): ao tratar da concepção do nomos em *Protágoras,* coloca:

> "Com isto, exprime simplesmente o ideal do Estado jurídico do seu tempo. Teríamos conhecido o parentesco da sua pedagogia com o Estado ático, mesmo que ele não tivesse feito expressa referência às condições de Atenas e afirmado que é nesta concepção do Homem que o estado ateniense e a sua constituição se fundamentam".

Dado esse relacionamento íntimo, a análise da gênese da antítese remete para a análise da gênese da própria democracia ateniense.

---

(1). — JAEGER (W.). — *Paidea,* trad. de A. M. Parreira, São Paulo, Herder, s/d., 1343 pp.

Segundo Guthrie, o pensamento grego, perante tal antítese, pode ser ordenado segundo um esquema tríplice: os partidários do nomos, os partidários da *physis*, e a postura neutra-realista.

Entre os defensores do *nomos* contra a *physis* cabe destacar Protágoras: o *nomos*, embora não inscrito na natureza, é a instância pedagógica máxima promotora do progresso (entendido como o movimento de afastamento da animalidade) da polis.

A postura neutra-realista é definida por Guthrie por:

> "... une attitude qui se résume à un realisme pratique oú encore à une manière de voir les choses telles qu'elles sont, qui, sans porter jugement, déclare que les plus forts prendront toujours l'avantage sur les plus faibles et que accordera le titre de loi et de justice à tout ce qu'ils pourront instituer dans leur propre interêt".

Representantes centrais dessa postura o autor os deteta em Tucídedes (sobretudo no diálogo entre os atenienses e os habitantes de Melos), e em Trasímaco (na República de Platão). A neutralidade de ambos, entretanto, pode ser contestada se observarmos que o pressuposto de Guthrie ao detetá-la em Tucídedes é o considerar a obra deste (e, especificamente, o diálogo acima) como o reflexo objetivo do contexto histórico retratado. Sem dúvida é um tal retrato, porém, o é através de Tucídides. Quanto a Trasímaco, a neutralidade é tanto mais estranha quanto a sua posição é bastante próxima da de Cálicles (enquadrado por Guthrie dentre os partidários da *physis* contra o *nomos*), embora formalmente opostas (a passagem da proposição de Trasímaco à de Cálicles pode ser feita simplesmente por uma transposição do critério de delimitação do grupo mais forte: interno à política em Trasímaco — o grupo no poder é o grupo mais forte — externo em Cálicles — a *physis* pré-determina o grupo mais forte).

Muito mais do que duas posturas separadas, o "realismo-neutralista" e o "partidarismo da *physis*" estão antes correlacionados. Parece-nos também que o espaço onde se realiza tal correlação é o da crise da democracia ateniense, e mais especificamente o processo de rearticulação do pensamento oligárquico no último quartel do século V.

Embora tal movimento não seja uniforme e homogêneo (democracia radical, oligarquia moderada e oligarquia radical), as indicações de tal correlação são várias: o enquadramento sócio-político de Cálicles — a teoria do direito natural — (o relacionamento com Andros, um dos 400 tiranos de 411), as dúvidas quanto à identidade de Antifon o sofista e Antifon o orador oligárquico, a dicotomia lei escrita (*nomos*)/lei não escrita (*nómima, thesmós, leis ancestrais*) e sua relação com o programa político da oligarquia moderada.

Em síntese, a brilhante exposição do tema em si por Guthrie parece-nos ter ficado prejudicada pela perda do correlacionamento dele (tema) com o desenvolvimento do processo político ateniense (a instauração e a crise da democracia ateniense), perda acarretada, acreditamos, pela postura ordenadora de Guthrie

FRANCISCO MURARI PIRES

* *
*

GUINSBURG (J.). — *Guia Histórico da Literatura Hebraica* (Do Período Pós-Bíblico à Criação do Estado de Israel). São Paulo, Perspectiva, 1977. 137 págs.

A presente obra destina-se, como seu autor afirma, a "oferecer um panorama histórico da literatura hebraica", tarefa extremamente complexa pela sua especificidade e riqueza e ao mesmo tempo necessária. Trata-se portanto de um estudo descritivo como se pode deduzir do próprio nome "Guia Histórico", orientado por uma idéia motriz "a continuidade na dispersão" idéia alentada pelo *Galut,* o Exílio, como elemento básico e determinante nas letras hebraicas.

É dividida em oito capítulos, dos quais os dois primeiros podem ser considerados como introdução. Neles o autor justifica a sua obra e estabelece o conceito de periodização da literatura hebraica segundo critérios histórico-cronológicos, histórico-geográficos e histórico-literários, dada a multilocalização geográfica e a complexidade cultural da vida judaica, sobretudo na Diáspora.

Os capítulos seguintes dedicam-se aos seis períodos em que se divide a Literatura hebraica, estudando em cada um deles os condicionamentos históricos, sua reperecussão nas manifestações literárias e as figuras mais representativas.

O *Período Pós-Bíblico* até a *Mischna,* abrange e compreende a literatura apócrifa e apocalíptica. Centra-se no predomínio religioso e o destaque principal corresponde aos rabis fariseus. O autor inclui nesta etapa os escritos da seita de Kumran e considera também, que neste *habitat* cultural se originam os escritos proto-cristãos com as suas parábolas e sermões midráschicos.

No *Período Talmúdico,* dos séculos II ao IV, recolhe-se a tradição oral ou não codificada. *Mischná* e *Talmud* dão origem a um vasto complexo literário de características fundamentalmente legislativas, de codificação e de caráter coletivo, "acumulando nas interpretações, preceituações e figurações — dos sábios — os elementos de *halahá,* lei, e de *agadá,* lenda, relato". O *Talmud* de Jerusalem, o *Jeruschalmi,* e o *Talmud* de Babilônia, o *Bavli,* aparecem como os expoentes principais da época.

O *Período gaônico,* dos séculos VI ao IX vincula-se aos *gaonim,* tendo como principais centros as escolas de Sura (Saadia ben Josef) e Jerusalem (Aarão ben Meir); e se manifesta amplamente através da literatura de *Responsa* que comunica as diferentes comunidades judaicas entre si, e difunde sua influência